Universidade de São Paulo
Pró-Reitoria de Graduação

Edital PRG
Santander Universidades I 2

KITS DIDÁTICOS

DOCUMENTOS HISTÓRICOS NO ENSINO

Material Impresso e Digital

RACISMO

Sr. Maxwell Assumpção Alakija e família (Bahia, Brasil). Coleção Lorenzo Turner.
Arquivo do Anacostia Museum of Smithsonian Institute, Washington DC, EUA. Disponível em: <https://museuafrodigital.ufba.br/sub-cole%C3%A7%C3%A3o-lorenzo-turner>. Acesso em: 11 set. 2019.

USP - Pró-Reitoria de Graduação
Santander Universidades / 2 - Edição 2015/2016

KITS DIDÁTICOS
DOCUMENTOS HISTÓRICOS NO ENSINO
Material impresso e Digital

Coordenação:
Prof.ª Dr.ª Antonia Terra de Calazans Fernandes

Monitores Bolsistas da Licenciatura:
André de Pina Moreira
Victor Doutel Pastore

Alunos do Programa Unificado de Bolsas de Estudos:
Fernanda Bezerra Ferreira
Gustavo Alves Leme
Júlia de Macedo Rabahie

Funcionário Administrativo:
Marcos Antonio de Oliveira

Laboratório de Ensino e Material Didático – LEMAD
Departamento de História – FFLCH – USP
2016 - 2017

RACISMO

Documentos

1. "A pedido". In: Monitor Campista. 1880. Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Disponível em: < http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=030740&pagfis=4859 >. Acesso em: 11 set. 2019.

2. "Lembranças de D. Risoleta". In: BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade - Lembranças de Velhos.* São Paulo: Edusp, 1987. 2ª ed. p. 307.

3. BARRETO, Lima. *Recordações do escrivão Isaías Caminha*. São Paulo: Ática, 1995. p. 42-43. (Bom Livro). Disponível em: < http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bv000157.pdf >. Acesso em 11 set. 2019.

4. "Lembranças de D. Risoleta". In: BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade - Lembranças de Velhos.* São Paulo: Edusp, 1987. 2ª ed. p. 308-309.

5. "Para os nossos Leitores". In: *O Alfinete*. São Paulo, Setembro 1918. USP - Imprensa Negra Paulista – IEB. Disponível em: <http://biton.uspnet.usp.br/imprensanegra/index.php/o-alfinete/o-alfinete-22091918-2/ >. Acesso em: 11 set. 2019.

6. "Apresentação". *Senzala* - 1ª edição - 1946. USP - Imprensa Negra Paulista – IEB. Disponível em: < http://biton.uspnet.usp.br/imprensanegra/index.php/senzala/senzala-011946-2/#3 >. Acesso em 11 set. 2019.

LEITURA DOS DOCUMENTOS

Diferentemente do caso dos Estados Unidos, em que houve o *Jim Crow**, no Brasil nunca existiram leis de segregação racial. Porém, antes e depois da abolição foram promulgadas leis e políticas públicas, ainda que não pautando explicitamente raça ou cor, que institucionalizavam o racismo no país. A cultura e os costumes disseminaram o racismo para além da esfera institucional. E a legislação e os valores interferiram decisivamente na vida da população negra, sendo possível caracterizar a presença de um racismo estrutural na sociedade brasileira.

Apresentamos seis documentos que proporcionam reflexões sobre faces do racismo no Brasil. O primeiro é um excerto do jornal *Monitor Campista,* de 1880, da cidade de Campos, no Rio de Janeiro. Na seção "*A pedido*", onde eram publicadas manifestações dos leitores, há o relato de um caso em que pessoas negras (preta e creoula) foram barradas ao tentar acessar o bonde, ainda que a legislação não estipulasse parâmetros para esse cerceamento. Em outro documento, *Lembranças de Dona Risoleta,* recortado das memórias de pessoas entrevistadas pela estudiosa Ecléa Bosi, encontramos também histórias de costumes e preconceito que vetavam determinados espaços à população negra, como o caso rememorado a respeito do que acontecia na cidade de Campinas, no início do século XX.

Em um trecho do romance de Lima Barreto, *Memórias do Escrivão Isaías Caminha*, lemos sobre um contexto de uma discriminação durante o preenchimento de uma vaga de emprego, também em função de preconceito racial.

No jornal *O Alfinete* de 1918, que faz parte da Imprensa Negra Paulista, encontramos uma denúncia ao racismo e uma proposição de resistência a essa opressão, reivindicando educação e justiça para a população negra. Neste mesmo ímpeto, o jornal *A Senzala* de 1946, em sua apresentação, trazia um panorama de como enxergava o racismo na sociedade e reclamava a unidade da população não branca para garantir igualdade de oportunidades e cidadania plena.

O termo raça não é utilizado neste kit para fazer referência à raça biológica. Entendemos como raça humana a espécie *Homo sapiens sapiens*. Adotamos o conceito de raça enquanto construção social que agrega características físicas, fenotípicas, psicológicas ou culturais que distinguiriam a construção do indivíduo branco do negro, levando também em conta a sociedade de classes que aloca contingentes de negros e brancos em posições extremamente desiguais.

* - *Jim Crow Laws* – As leis Jim Crow foram promulgadas nos Estados Unidos institucionalizando a segregação racial entre os anos de 1876 e 1965. Acredita-se que a expressão foi decorrente de uma caricatura pejorativa do século XIX que fazia referência aos negros.

PROPOSTA DIDÁTICA COM USO DE DOCUMENTOS

(sugestões de orientações que podem ser oferecidas pelo(a) professor(a) aos estudantes)

1. Leia o documento **1**. Ele trata de um jornal do século XIX. Geralmente os jornais são divididos em seções. Cada uma agrega um determinado tipo de conteúdo. Agora, procure identificar:
   a) Esse trecho estava em qual seção do jornal? Qual era a função dela?
   b) O que o texto conta? Quem era o autor? Quem eram os personagens? Qual a relação entre eles?
   c) O comportamento relatado no jornal estava dentro da lei? Era um comportamento rotineiro para o cotidiano do século XIX ou um episódio isolado?
   d) Por que o autor do relato questiona se era lícita aquela conduta?
2. Leia o documento **2**. Ele é anterior ou posterior ao documento 1? Por quê? O documento **2** é uma lembrança de Dona Risoleta, uma mulher negra que viveu no estado de São Paulo durante o início do século XX. Ela relatou suas memórias para a estudiosa Ecléa Bosi.
   a) O que D. Risoleta conta?
   b) Por que será que havia lugares separados de convivência para os personagens mencionados no trecho? O que D. Risoleta quis dizer com a frase: "a gente se acostumou assim"? Como será que foi construído esse costume? Como a narradora se posiciona em relação a isso?
3. No Brasil nunca existiram leis que definiam a segregação de espaços por critérios raciais. Diante dessa afirmação, leia o documento **3**, que faz parte da obra *Memórias do Escrivão Isaías Caminha*, de Lima Barreto. Este escritor e jornalista negro viveu no Rio de Janeiro entre o fim do século XIX e o início do XX. Procure, então, identificar:
   a) Quem eram os personagens da história? Por que o personagem não "serviria" para o emprego?
   b) O que seria o "sítio posto à minha vida", sobre o qual a personagem fala? O que constituiria esse *sítio*, e como a personagem se sente sobre isso?
   c) O que você acha que levou Lima Barreto a escrever esse texto? Qual teria sido sua intenção?
4. Leia agora o documento **4**, também trecho das lembranças de Dona Risoleta.
   a) Quais eventos ela relembra? Como os caracteriza? Quanto à música, o que a letra da canção quer dizer? Como a cor da pele das pessoas era retratada?
   b) O que quer dizer mulata? O que, a partir do documento, poderia caracterizar um branco, um preto e um mulato? E você, já ouviu alguma música com conteúdo machista ou racista?

PROPOSTA DIDÁTICA COM USO DE DOCUMENTOS

(sugestões de orientações que podem ser oferecidas pelo(a) professor(a) aos estudantes)

5. O Racismo no Brasil tem como uma de suas características a gradação de cores. Alguns dos termos utilizados para indicar cor ou raça nasceram de contextos que estigmatizavam o negro ou que o definiam mais próximo do branco em oposição a ser negro. Mulata, por exemplo, poderia indicar que o indivíduo viria da relação de uma mulher negra e um homem branco. E você, como você declara sua cor ou raça?

6. Leia o documento **5**.
   a) Que tipo de documento é esse?
   b) A quem ele é dedicado?
   c) Quem seriam os “homens de cor”?
   d) Quem seria o autor ou os autores deste texto?

7. Surgida no contexto do pós-abolição, a imprensa negra paulista atuou principalmente durante a primeira metade do século XX. Existiram diversos jornais que faziam parte desse conjunto. Um deles é *O Alfinete*. Podemos analisar uma edição desse periódico no documento **5**.
   a) Leia o documento **6**, que é um Como o jornal definia a condição do negro naquela época?
   b) O que o texto defende como República?
   c) E, você, o que entende por República?

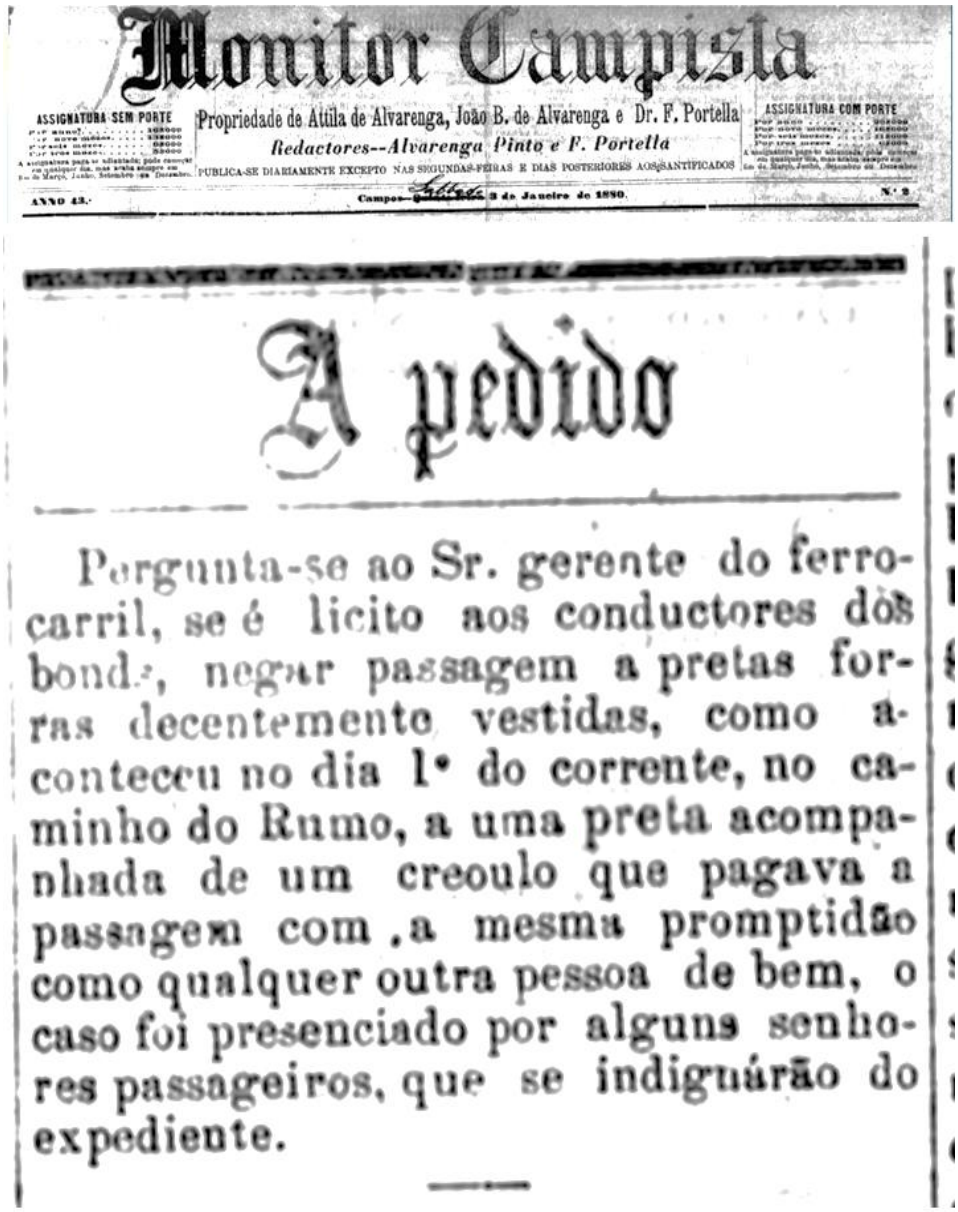
8. trecho do jornal *Senzala*. Essa edição serve para apresentar a publicação, ou seja, é seu primeiro número.
   a) Como o jornal define a condição do negro?
   b) Como se posiciona em relação a isso?
   c) Qual o objetivo do *Senzala*, o que ele defende?

9. Os dois últimos documentos têm diferentes temporalidades. Um é de 1918 e o outro de 1946.
   a) Quais são as semelhanças entre eles?
   b) Quais são as diferenças?

10. O racismo foi sendo rearticulado em cada contexto histórico brasileiro, operando de diferentes formas e em diferentes esferas. Porém, a população negra também vem historicamente resistindo por meio de diferentes estratégias de negociação e disputas. Pensando nisso, escreva um texto abordando formas de racismo identificadas ao longo dessa atividade e como a população negra se posiciona e age perante elas.

Documento 1

Lícito – O que se encontra de acordo com a Lei.



Monitor Campista

ASSIGNATURA SEM PORTE

Propriedade de Attila de Alvarenga, João B. de Alvarenga e Dr. F. Portella

Redactores--Alvarenga Pinto e F. Portella

PUBLICA-SE DIARIAMENTE EXCEPTO NAS SEGUNDAS-FEIRAS E DIAS POSTERIORES AOS SANTIFICADOS

ASSIGNATURA COM PORTE

ANNO 43.º

Campos — 3 de Janeiro de 1880.

N.º 2

A pedido

Pergunta-se ao Sr. gerente do ferro-carril, se é licito aos conductores dos bonds, negar passagem a pretas forras decentemente vestidas, como aconteceu no dia 1º do corrente, no caminho do Rumo, a uma preta acompanhada de um creoulo que pagava a passagem com a mesma promptidão como qualquer outra pessoa de bem, o caso foi presenciado por alguns senhores passageiros, que se indignárão do expediente.

"A pedido". In: Monitor Campista. 1880. Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/030740/4859 >. Acesso em: 11 set. 2019.

Documento 2

Todo domingo ia passear no Largo da Matriz, os pretos passeavam por fora e os brancos por dentro do jardim. Eu dizia assim: "— Por que é que vocês mesmos é que se separaram? Preto não tem vez dentro do jardim?" "— Não... a gente acostumou assim..." Achava que quando a gente cansava devia entrar no jardim e sentar num banco. Nunca aprovei isso, achava que estava errado.

"Lembranças de D. Risoleta". In: BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade - Lembranças de Velhos.* São Paulo: Edusp, 1987. 2ª ed. p. 307.

Documento 3

"[...]Pus-me a ler o jornal, os anúncios de "precisa-se". Dentre eles, um pareceu-me aceitável. Tratava-se de um rapaz, de conduta afiançada para acompanhar um cesto de pão. Era nas Laranjeiras. Estava resolvido a aceitar; trabalharia um ano ou mais; guardaria dinheiro suficiente que me desse tempo para pleitear mais tarde um lugar melhor. Não havia nada que me impedisse: eu era desconhecido, sem família, sem origens... Que mal havia? Mais tarde, se chegasse a alguma coisa, não me envergonharia, por certo?! Fui, contente até. Falei ao gordo proprietário do estabelecimento. Não me recordo mais das suas feições, mas tenho na memória as suas grandes mãos com um enorme "solitário" e o seu alentado corpo de arrobas.

— Foi o senhor que anunciou um rapaz para...

— Foi; é o senhor? respondeu-me logo sem me dar tempo de acabar.

— Sou, pois não. O gordo proprietário esteve um instante a considerar, agitou os pequenos olhos perdidos no grande rosto, examinou-me convenientemente e disse por fim, voltando-me as costas com mau humor:

— Não me serve. — Por quê? Atrevi-me eu.

— Porque não me serve. E veio vagarosamente até uma das portas da rua, enquanto eu saia literalmente esmagado. Naquela recusa do padeiro em me admitir, eu descobria uma espécie de sítio posto à minha vida. Sendo obrigado a trabalhar, o trabalho era-me recusado em nome de sentimentos injustificáveis. Facilmente generalizei e convenci-me de que esse seria o proceder geral. Imaginei as longas marchas que teria que fazer para arranjar qualquer coisa com que viver; as humilhações que teria que tragar; e, de novo, me veio aquele ódio do bonde, quando de volta da casa do Deputado Castro. Revoltava-me que me obrigassem a despender tanta força de vontade, tanta energia com coisas em que os outros pouco gastavam. Era uma desigualdade absurda, estúpida, contra a qual se iam quebrar o meu pensamento angustiado e os meus sentimentos liberais que não podiam acusar particularmente o padeiro. Que diabo! Eu oferecia-me, ele não queria! Que havia nisso demais?

Era uma simples manifestação de um sentimento geral e era contra esse sentimento, aos poucos descoberto por mim, que eu me revoltava. Vim descendo a rua, e perdendo-me aos poucos no meu próprio raciocínio. Preliminarmente descobria-lhe absurdos, voltava ao interior, misturava os dois, embrulhava-me. No largo do Machado, contemplei durante momentos aquela igreja de frontão grego e colunas dóricas e tive a sensação de estar em pais estrangeiro."

BARRETO, Lima. *Recordações do escrivão Isaías Caminha*. São Paulo: Ática, 1995. p. 42-43. (Bom Livro). Disponível em: < http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bv000157.pdf >. Acesso em 11 set. 2019.

Documento 4

Quando fiquei mais crescidinha, no carnaval a gente caía na rua, passava o cordão, a banda do boi, ficava na calçada brincando. O carnaval era na rua. Para puxar um cordão não tinha como eu. Até hoje o pessoal quando me vê diz: "— Você deixou saudade, hein, Risoleta!" Nenhuma das minhas filhas não puxaram eu, elas são paradas, quietas, não são de divertir e divertir os outros. Quando comecei a dançar no carnaval veio:

O teu cabelo não nega, mulata,
que tu és mulata na cor.
Mas como a cor não pega, mulata,
mulata eu quero o teu amor.

Eu dançava, cantava, puxava o cordão, pintava o caneco. Passava mão numa vassoura, fazia dança com a vassoura e todo mundo me acompanhava. Aonde eu chegava não tinha tristeza, vinha alegria. Eu e a Delu não tinha jeito, minha prima que hoje é doceira. Não tinha canseira, nunca atrasei com meu serviço. Sem eu a festa não tinha graça.

Tinha a família Santos, mulatos bonitos, morreram tudo, não ficou nenhum pra contar a história... quando eu chegava na rua eles gritavam: "— A Leta chegou!" O Armandinho, o Zezinho, o Edmundo, o Ditinho, tudo assim da mesma idade da gente, aquilo era até bonito.

Nós tínhamos o clube dos mulatos, o Valete de Copas, como o Sargentelli aqui de São Paulo. O clube era só de mulato e mulata, não tinha branco nem preto. A gente juntava um dinheirinho, cada um dava um tanto pra pagar a orquestra e alugar salão. Mulato não entrava em baile de branco, tinha preconceito. Tinha e tem. Mas minha prima dizia: "— Mulata não tem bandeira mas tem proteção. Entra em qualquer lugar." As coisas nossas eram feitas direitinho, com muito respeito. Não era só a moçada, não, sempre ia um senhor casado, com família pra tomar conta do baile. As mocinhas sentavam, só dançavam quando tinham sido apresentadas ao rapaz e feito amizade. Ele pedia então: "— A senhora quer me dar o prazer dessa contradança?" Quando vinham dois de uma só vez eu dizia: "— Agora, como é que é? Eu sou uma só!" "— Essa você dança com ele e a outra comigo, pra não ter briga." Senão, saía briga. Depois que tocava a música ele dava a volta no salão com a dama e chegava no lugar e deixava a gente sentadinha lá.

"Lembranças de D. Risoleta". In: BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade - Lembranças de Velhos.* São Paulo: Edusp, 1987. 2ª ed. p. 308-309.

Documento 5

Gremio "Kaimai"

ANNO I | São Paulo, 22 de Setembro de 1918 | NUM. 3

ORGAM LITTERARIO, CRITICO E RECREATIVO

O Alfinete

DEDICADO AOS HOMENS DE COR

Publica-se quinzenalmente | COLLABORADORES DIVERSOS | DIRECTOR: A. Oliveira

— EXPEDIENTE: —

ANNO. . . . . 4$000
SEMESTRE . . . . 3$000
AVULSO. $100
PAGAMENTO ADIANNTADO
Todas as collaborações devem ser enviadas á rua Tibiraçá, 6 — (Luz).

Para os nossos Leitores

O estado lamentavel em que jazem os homens de côr no Brazil, opprimidos de um lado pelas ideias escravocratas que de todo não desappareceram do nosso meio social e de outro pela nefasta ignorancia em que vegetam este elemento da raça brazileira, inconsciente da sua humilde situação moral, impõe uma reacção salutar para que possam em dias futuros ter a consciencia lucida, de que para elles, os seus direitos são compuscados, a lei asphixiada e estrangulada e a justiça vilipendiada.

(...) A igualdade e a fraternisação dos povos preconisadas pelos principios de 89 na França e que a republica implantou como symbolo da nossa democracia, com relação aos negros é uma ficção é uma mentira que até hoje não foram postas em pratica, não obstante, os homens que elaboraram a nossa constituição não se terem descurados desses principios essenciaes para todos as nações que se têm em conta de civilisadas. A raça branca opulenta, como é, exercendo o seu poderio revoltante, campelle as preta a viver em eterna inferioridade.(...)

Compuscado – conspurcado, corrompido, desonrado.
Vilipendiada – que foi desprezada, zombada.
Campelle – compelir, forçar.

"Para os nossos Leitores". In: *O Alfinete*. São Paulo, Setembro 1918. USP - Imprensa Negra Paulista – IEB. Disponível em: <http://biton.uspnet.usp.br/imprensanegra/index.php/o-alfinete/o-alfinete-22091918-2/ >. Acesso em: 11 set. 2019.

Documento 6

Senzala
revista mensal para o negro

ANO I — N.º 1 | São Paulo, Janeiro de 1946 | EDIFICIO MARTINELLI, 23.º andar Sala 2360

(...) *Julgamos imprescindível para qualquer conquista social, a união imediata de todo o elemento negro brasileiro, a união no seu sentido psicológico. Julgamos necessário que aqueles que tenham conseguido alguma regalia social, em virtude seu sobre-humano esforço pessoal, não se afastem dos seus irmãos negros, não se alheiem dos sofrimentos desse povo que luta e subsiste vigorosamente contra todas as adversidades, não se sintam estranhos às misérias de uma infância que curte toda a sorte de privações, não se abstenham de conhecer as humilhações e vilipêndios que cercam a mulher negra, não se recuse a perceber os anseios de uma juventude a que deseja um destino melhor, mais humano.*

SENZALA os conclama à luta pelo soerguimento de um povo cuja expressão de vida coletiva tem sido até hoje a ignorância, o pauperismo e a miséria dos porões e a prisão às garras inapelavelmente destruidoras da tuberculose em prejuizo das necessidades vitais da própria Nação. SENZALA os conclama a que lutem intimamente contra os recalques de serem negros, que desçam até as massas, procurando sentir as suas angústias, perceber as suas necessidades, que se incorporem a campanha de orientação que está sendo deflagrada sem o que não poderão ser dignos das glórias de nossos antepassados maiores: Henrique Dias, Luiz Gama e José do Patrocínio, Teodoro Sampaio, Rebouças, Juliano Moreira e outros mais.

SENZALA se apresenta, pois, como um orgão inteiramente a serviço do negro nacional. O seu objetivo é o caminho da união na campanha pela nossa valorização social. O seu destino é trabalhar pela permanente ligação entre todas as camadas sociais afro-brasileiras, veiculando idéias e princípios, consignando fatos, noticiando acontecimentos sociais. E assim SENZALA se incorporará despretensiosamente no movimento que batalha pela reabilitação e prestigio do negro brasileiro no seio da coletividade nacional, cumprindo uma missão sagrada, desdenhando de toda recompensa que não seja a compreensão, o estímulo e o apôio daqueles aos quais ela é destinada: — os negros do Brasil.

"Apresentação". *Senzala* - 1ª edição - 1946. USP - Imprensa Negra Paulista – IEB. Disponível em: < http://biton.uspnet.usp.br/imprensanegra/index.php/senzala/senzala-011946-2/#3 >. Acesso em 11 set. 2019.